

**Gabinete do  
Arcebispo Primaz**

---

**DISCURSO**

Ref. DSC\_02/2017

Discurso na conferência inaugural  
da Nova Ágora

Braga, Auditório Vita, 17.fev.2017, 21h

***A caminho da Nova Ágora***

A Arquidiocese de Braga quer suscitar, uma vez mais, com o ciclo de conferências “Nova Ágora”, uma reflexão abrangente e participativa. Reconhecemos sobretudo um *deficit* na análise de algumas questões vitais da nossa cultura contemporânea. Esta carência, nem sempre óbvia, tem sido motivo de uma abstracção colectiva e de uma apatia sufocante. Faltam-nos espaços de diálogo e de reflexão crítica. Sem pensamento activo e proactivo, o futuro da nossa sociedade será marcado pela confusão e desorientação.

Ninguém duvida que caminhamos a largos passos para um novo modelo de sociedade. Estamos à porta de uma era tão maravilhosa e desafiante quanto inquietante. Vivemos tempos que desafiam o pensamento, a razão e alguns paradigmas instalados. Seria, por isso, insensato da nossa parte aceitarmos acriticamente ideias e concepções, dispensando-as do escrutínio da nossa consciência. Quando nos subtraímos ao exercício do pensamento, e com maior razão à reflexão colectiva, apenas contribuimos para a menoridade do Homem.

Esta é, sem dúvida, a originalidade da Nova Ágora: um espaço de diálogo aberto, franco, provocador, onde os saberes são múltiplos e nem sempre convergentes. Aceitamos e desejamos olhares diferentes sobre os assuntos que a sociedade nos coloca. O nosso ponto de convergência é, antes de mais, a disponibilidade para o diálogo. Se conseguirmos ao longo desta noite, e das próximas três sessões em Março, promover uma cultura do encontro, estou certo que daremos um belo testemunho à sociedade e seremos uma acendalha de esperança onde outros querem construir muros de inimizade.

Vivemos num mundo plural. Esta pluralidade pode ser entendido tanto no sentido da proposta de ideologias como da interpretação da vida à luz dessas mesmas ideologias. É um pluralismo social e conceptual. O pluralismo, quando resvala para o plano ideológico, fragmenta e destrói certezas que marcaram gerações inteiras. Preocupa-nos, por isso, as certezas que se vão perdendo e a identidade da nação que se vai enfraquecendo. Mas existe ainda um outro tipo de pluralismo que se assemelha ao fundamentalismo. Refiro-me ao somatório de pensamentos monolíticos e estanques que visam apenas a uniformização da identidade social. O que seria da pintura e da música se todos os artistas fossem iguais? O que seria, neste sentido, da nossa sociedade se a criatividade do pensamento e a diversidade dos olhares estivessem sob suspeita?

Se lamentamos as mortes resultantes de atentados, não podemos também ignorar a demagogia daqueles que apenas acreditam nos seus pontos de vista e, à sombra do jogo democrático, impõem



esquemas de vida e modelos de sociedade sem respeitarem valores culturais consagrados pelo tempo.

É neste contexto que sublinhamos a importância de uma sociedade heterogénea. Uma sociedade onde é possível a coexistência respeitadora, a comunhão de valores e a hospitalidade absoluta em vez da mútua exclusão, do conflito aberto e do domínio de um sobre o outro.

Este é o tempo do diálogo cultural, o tempo de congregar olhares diferentes que favoreçam uma inteligência colectiva e respeitadora. Talvez não seja este o caminho mais fácil. Outras figuras de relevo propõem a segregação, os muros da inimizade e a defesa da soberania. Mas poderá uma nação ser realmente soberana se vive refém de si mesma e dos seus medos? “Nem só de segurança vive o Homem, mas de toda a palavra criativa que brota do seu espírito”, permitam-me parafrasear Jesus.

Este novo paradigma, onde é possível convergir ideias e afectos, pressupõe – como seria expectável – a coragem de partilhar mundividências. Para a Igreja Católica este é, e sempre foi, um ponto fundamental. Noto, infelizmente, que alguns sectores da sociedade e da política pretendem silenciar a Igreja, descredibilizar os valores que defende e transformá-la num actor secundário e passivo da história. Não me parece uma atitude sábia nem respeitadora.

Acredito firmemente que a Igreja é um parceiro singular para a construção da nossa identidade cultural e para o fortalecimento do tecido social. Peço, por isso, que sacerdotes e leigos, e apetece-me dizer sobretudo leigos, entrem neste diálogo cultural, que ousem apresentar no areópago das ideias e das decisões os conteúdos de uma doutrina, de uma ética e de uma moral. É urgente acordar para esta responsabilidade. É urgente fugir à tentação da cobardia e do comodismo fácil.

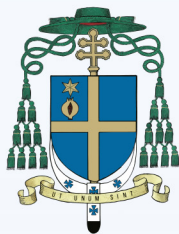
Colocando-nos em ambiente da Nova Ágora, fazemos agora caminho com o testemunho do Senhor Presidente da República. “O católico e a democracia” é um tema candente, principalmente quando reconhecemos que nenhum católico pode, nem deve, fugir às suas responsabilidades democráticas. Um cristianismo desencarnado da história e da *res publica* seria, apenas e só, uma banal espiritualidade à mercê dos desejos pessoais. É por acreditar no seu potencial e no bem que pode fazer à sociedade, que o cristianismo abraça sem reservas a vida pública. Dispensar-se desta tarefa, por distração ou por inércia, seria prejudicial tanto à sociedade como à própria Igreja.

Sabendo estar presente pode testemunhar como é imperiosa a sua presença por coerência doutrinal e por reconhecer, sem presunção, que também pode enriquecer o jogo democrático. Não entrar em jogo por distração ou inépcia prejudica a sociedade e a Igreja Católica.

Só me resta agora agradecer ao senhor Presidente, Prof. Marcelo Rebelo de Sousa, a disponibilidade para estar connosco. Os seus muitos afazeres poderiam até justificar a sua ausência. Preferiu, todavia, estar connosco esta noite e testemunhar a sua confiança num mundo aberto, capaz de acolher e integrar diferentes “olhares sobre...”. Estamos-lhe gratos. Ser Presidente da República é também, e sobretudo, estar com as pessoas, promover o diálogo e abrir novos horizontes.

Muito obrigado, Senhor Presidente, por ter vindo à sua Braga. Pode estar certo do nosso empenho na construção de uma sociedade aberta, fraterna e dialogante.

D. Jorge Ferreira da Costa Ortiga



Arcebispo de Braga e Primaz das Espanhas

---

† Jorge Ortiga, *Arcebispo Primaz*